



A EDUCAÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA

CRISPIM, Aline Francisco¹

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo compartilhar as reflexões de Boaventura de Sousa Santos acerca da Educação através do olhar da professora Inês Barbosa de Oliveira na obra *Boaventura & a Educação*, nono volume da coleção *Pensadores & Educação* a fim de provocar uma reflexão a respeito dos processos educativos numa perspectiva emancipatória. Em destaque estão os três conflitos epistemológicos delineados por Boaventura como os principais balizadores da experiência pedagógica para um projeto educativo emancipatório tendo em vista a formação dos sujeitos para as subjetividades a fim de que estes tomem consciência de quanto podem inferir em suas realidades convergindo conhecimento científico e os saberes do senso comum, superando assim o conhecimento-regulação com o conhecimento-emancipatório. Rompendo com o imperialismo cultural e abrindo espaço para as diversas possibilidades do multiculturalismo. A autora leva-nos a permear as ideias de Boaventura de forma intrigante e instigante promovendo um processo de reflexão crítica da realidade educacional, cultural e social como um todo.

Palavras-chave: Educação. Emancipatório. Conflitos epistemológicos. Subjetividades.

Introdução

O presente artigo pretende abordar as reflexões do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos acerca da Educação através do olhar da professora Inês Barbosa de Oliveira na obra intitulada *Boaventura & a Educação*, nono volume da coleção *Pensadores & Educação*.

Perpassando pelos conceitos elaborados por Boaventura a respeito dos conflitos epistemológicos, Oliveira aborda os três aspectos centrais da experiência pedagógica para um projeto educativo emancipatório como aplicação técnica e

¹ **Aline Francisco Crispim Assis** Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2003). Especialização Lato-sensu em Gestão Escolar com ênfase em administração, supervisão e orientação escolar pela Faculdade Vale do Cricaré (2007) e pela Escola de Gestores da UFES (2013). Graduada em Letras/Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo (2021). Atua nas diversas áreas da Educação Básica nos municípios de Conceição da Barra-ES e São Mateus-ES nos quais é servidora pública efetiva. Atualmente é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, campus CEUNES em São Mateus. Currículo Lattes. <http://lattes.cnpq.br/6956631424745400> E-mail. alinefranciscocrispim@gmail.com





aplicação edificante da ciência, conhecimento-regulação e conhecimento-emancipatório e o terceiro imperialismo cultural e multiculturalismo.

Segundo Boaventura, o principal objetivo da educação é a formação de subjetividades para a democracia social, forjando sujeitos capazes de se inconformar com todas as formas de opressão e colonialismo tendo em vista o reconhecimento da diversidade e a promoção do conhecimento emancipatório a fim de combater a trivialização do sofrimento.

Boaventura também destaca que o conhecimento científico por si só não responde a todas as questões, também se faz necessário uma maior abertura ao conhecimento elaborado pelo senso comum, pois compreende que a forma que os indivíduos absorvem e se apropriam do conhecimento impactam nas ações que estes estabelecem com o mundo.

Oliveira destaca que de acordo com Boaventura pensar o fazer pedagógico emancipatório é uma forma de pensar na possibilidade de desenvolver a autonomia intelectual dos sujeitos envolvidos no processo educativo, educando-os para o inconformismo.

Por fim, aborda a importância da democratização das práticas sociais para a democratização dos saberes o que é imprescindível para a democratização das subjetividades a fim de desenvolver ações sociais mais democráticas, o que para Boaventura é um espiral interminável.

Desenvolvimento

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos é licenciado em Direito, especializou-se em Sociologia e possui uma vasta obra, porém o único artigo voltado à Educação denominado “Para uma Pedagogia do Conflito” foi apresentado no contexto de um seminário em Porto Alegre, em 1996. Na ocasião, o autor debatia os desafios epistemológicos e políticos decorrentes das grandes transformações em curso, com foco na contradição entre conflito e repetição. O artigo é um desdobramento desse debate e foi publicado posteriormente como parte de um livro.

Neste artigo, Boaventura aborda três conflitos epistemológicos, os quais considera imprescindíveis na construção do processo educativo de cunho emancipatório, sendo eles: aplicação técnica e aplicação edificante da ciência, conhecimento-regulação e conhecimento-emancipatório e o terceiro imperialismo cultural e multiculturalismo.





Quanto ao primeiro conflito sobre a aplicação da ciência, denominado por Boaventura de *aplicação técnica da ciência* e a *aplicação edificante da ciência* estão relacionados a sua concepção do paradigma da ciência pós-moderna como prioriza a objetividade, negligencia na subjetividade, portanto, segundo o autor a importância de valorizar outros saberes produzidos pelo senso comum.

A aplicação técnica da ciência, consiste, segundo Boaventura, desde a revolução industrial, na relação entre ciência e a produção de bens de serviço, tornando os problemas sociais e políticos em problemas técnicos que são solucionados de forma científica.

Uma contrapartida a esta forma de aplicação da ciência, seria a aplicação edificante, a qual, segundo o autor mesmo que desacreditada e fracassada, é predominante nas escolas e sociedade. Também ressalta que esta possibilita a formação de sujeitos mais competentes, porém, para ele os mecanismos de poder têm interesse em fomentar a permanência da incompetência social. Boaventura conclui que

Enquanto um deles tem detido o monopólio de aplicação da ciência, o outro não passa de uma potencialidade promissora. Professores e alunos terão de se tornar exímios nas *pedagogias das ausências*, ou seja, na imaginação da experiência passada e presente se outras opções tivessem sido tomadas. Só a imaginação das consequências do que nunca existiu poderá desenvolver o espanto e a indignação perante as consequências do que existe (Oliveira apud Santos, 2008, p. 22-23).

Com relação ao segundo conflito, denominado por Boaventura de *conhecimento-regulação* e *conhecimento-emancipação*, o qual inicialmente foi denominado *conhecimento-come-regulação* e *conhecimento-come-emancipação*, depois alterado pelo autor nos anos dois mil, apresenta uma perspectiva de transição paradigmática da ciência e do progresso, mediante o conflito de conhecimento que deve ser a mola propulsora para um projeto educativo emancipatório.

O conhecimento-regulação compreende o rigor e a objetividade já mencionadas do conhecimento científico, o conhecimento-emancipação acabou absorvido pela hegemonia do primeiro. Porém, segundo Boaventura, além do rigor e da objetividade do conhecimento científico, outros aspectos têm sido questionados como a dicotomia sujeito-objeto e a concepção de natureza dissociada da sociedade e da cultura.





O que, para ele demonstra uma crise com uma fase de transição paradigmática, pois o conhecimento-regulação passou a ser a forma hegemônica, o colonialismo entendido como ordem, transformando o que era conhecimento-emancipação em ignorância e o autor destaca que não há total ignorância e nem total saber e conclui que “todo saber é saber sobre uma certa ignorância e, vice-versa, toda ignorância é ignorância de um certo saber” (Santos, 2000, p. 78).

Esse cenário possibilitou a compreensão de que na perspectiva do projeto educativo emancipatório, segundo Boaventura, este conflito ocorre entre as duas formas de conhecimento, “saber como ordem e colonialismo” e o “saber como solidariedade e caos” e um caminho para ele que o conhecimento-emancipação supere o conhecimento-regulação é transformando a solidariedade na forma hegemônica de saber e aprender a lidar com o caos.

Já que no seu entender é impossível controlar todas as consequências das ações e a sua multiplicidade de efeitos, gerada pela forma de concepção do ensino e a prudência já que segundo ele “o caos convida-nos a um conhecimento prudente” (Santos, 2000, p. 80).

Quanto a mudança de concepção de ensino, segundo Boaventura, a escola moderna, ocidental, capitalista e burguesa pressupõe que, se o professor domina o conteúdo e o ensina “bem”, o aluno vai aprender. Como se esse processo realizado de forma cartesiana fosse passível de total controle, caso contrário, o fracasso se dá pelo mau ensino ou pela incapacidade de aprender.

Destaca que a vida cotidiana, as redes de saberes que se constituem ao longo do processo educativo são complexos, assim como a inserção dos indivíduos em contextos sociais diversos, e tudo isto reverbera nos diversos conhecimentos que estes acessam o que vai de encontro a compreensão do autor que nem tudo pode ser controlado cientificamente.

Entende que o conhecimento-emancipação deve possibilitar experimentar, pela imaginação da prática e pela prática da imaginação, essas sociabilidades e subjetividades alternativas, ampliando as possibilidades do humano até incluí-las a todas e até poder optar por elas.

O terceiro e último conflito epistemológico que compõe o processo educativo emancipatório, segundo Boaventura, também pode ser caracterizado como um conflito cultural, já que percebe que o “mapa cultural” dos sistemas educativos modernos privilegiam o eurocentrismo e deixam numa condição de subalternidade as





demais culturas, a esta realidade ele denomina de *imperialismo cultural* em conflito com o *multiculturalismo*.

Segundo Boaventura esse cenário encontra-se em turbulência desde o pós Segunda Guerra Mundial, da barbárie do ocidente supostamente civilizado, com a descolonização da África e com o surgimento dos novos movimentos sociais. Com as relações transnacionais e a globalização, fortes movimentos de localização e reafirmação de identidades culturais e nacionais, principalmente de grupos historicamente oprimidos (Oliveira, 2008, p. 114).

O imperialismo cultural traz em sua essência a ideia de que o contato com outras culturas, descaracteriza gradualmente a integralidade e a singularidade, já que seu propósito é manter sua hegemonia. Do lado do multiculturalismo, a ideia é de hibridização cultural e de impropriedade de manutenção das culturas dominantes, a motivação de proposição é uma cultura global. Para Boaventura

Um projeto educativo emancipatório tem de colocar o conflito cultural no centro do seu currículo. As dificuldades para o fazer são enormes, não só devido à resistência e a inércia dos mapas culturais dominantes, mas também devido ao modo caótico como os conflitos culturais têm vindo a ser discutidos no nosso tempo [...]. O projeto educativo emancipatório tem, pois nesse domínio, responsabilidades acrescidas. Tem de, por um lado, definir corretamente a natureza do conflito cultural e tem de inventar dispositivos que facilitem a comunicação (Oliveira apud Santos, 2008, p. 29-30).

Boaventura propõe a criação de espaços pedagógicos para o multiculturalismo a fim de promover o diálogo intercultural. A proposta é levar ao máximo de consciência possível a incompletude de todas as culturas, entendendo que esse procedimento abre possibilidades ao diálogo intercultural e pode contribuir para a superação da hegemonia eurocêntrica com relação as outras culturas.

Em minhas experiências ao longo de mais de vinte anos atuando na Educação Básica, é perceptível que a cada ano que passa, os estudantes têm cada vez menos assumido uma postura de inconformismo com aquilo que lhes é posto. São pouco provocados a pensar de forma disruptiva e aceitando tudo passivamente.

Mediante a tantas questões que em outras épocas da história, foram marcados pelo protagonismo juvenil, hoje, na era da tecnologia, percebe-se muitos posicionamentos em redes sociais, mas nota-se a falta de articulação, mobilização e busca pelos ideais.





Considerações finais

Vale ressaltar que a maior preocupação de Boaventura é a formação das subjetividades individuais e coletivas, primando pelos modos de inserção social que proporcionem a formação em redes, pois assim, segundo o autor forma-se uma rede de saberes os quais definem o processo emancipatório e a forma de ação dos sujeitos no mundo. De modo que para ele

O projeto educativo emancipatório é um projeto de aprendizagem de conhecimentos conflitantes com o objetivo de, através dele, produzir imagens radicais e desestabilizadoras dos conflitos sociais em que se traduziram no passado, imagens capazes de potencializar a indignação e a rebeldia. Educação, pois para o inconformismo (Oliveira apud Santos, 2008, p. 17).

O trabalho educativo para Boaventura possibilita a formação de subjetividades inconformistas, gerando uma aprendizagem da conflitualidade, na qual o espaço da sala de aula torna-se um espaço repleto de possibilidades, permitindo que tanto alunos quanto professores façam suas opções que vão além da proposta curricular, mas que englobem emoções, sentimentos, paixões e principalmente sentido aos conteúdos.

Esta proposta possibilita romper com padrões de repetição do passado e converge para a emancipação social democrática, por meio do processo educativo desenvolvido através da educação formal. Pois para ele

O conhecimento só suscita inconformismo na medida em que se torna senso comum, o saber evidente que não existe separado das práticas que o confirmam. Uma educação que parte da conflitualidade dos conhecimentos visará, em última instância, conduzir à conflitualidade entre sentidos comuns alternativos, entre saberes práticos [...] (Oliveira apud Santos, 2008, p. 18).

Boaventura compreende que os conteúdos escolares da educação formal não são um fim em si mesmo, mas um meio para ampliação dos diversos modos de compreensão do mundo favorecendo com que os indivíduos intervenham em suas realidades. Conclui que

O conflito serve, antes de mais, para vulnerabilizar e desestabilizar os modelos epistemológicos dominantes e para olhar o passado através do sofrimento humano que, por via deles e da iniciativa humana a eles referida, foi indesculpavelmente causado. Esse olhar produzirá imagens desestabilizadoras suscetíveis de desenvolver nos estudantes e nos professores a capacidade de espanto e de indignação e a vontade de





rebeldia e de inconformismo. Essa capacidade e essa vontade serão fundamentais para olhar com empenho os modelos dominados ou emergentes através dos quais é possível aprender um novo tipo de relacionamento mais igualitário, mais justo que nos faça aprender o mundo de modo edificante, emancipatório e multicultural. Será este o critério último da boa e da má aprendizagem (Santos, 1995, p. 23).

Sendo assim, as reflexões de Boaventura Sousa Santos a respeito da Educação são uma provocação a rever os processos educativos para que estes se tornem de fato emancipatórios e inclusivos no sentido de abarcar a cultura e as vivências de todos, rompendo com o colonialismo, com o imperialismo e tudo que possa a vir a controlar ao invés de emancipar os sujeitos e a sociedade como um todo.

Referências

Oliveira, Inês Barbosa de. **Boaventura & a Educação. 2ª ed.** – Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 144 p. (Pensadores & a Educação, 8).

Santos, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2000.

Santos, Boaventura de Sousa. **Para uma pedagogia do conflito.** In: Freitas, Ana Lucia de Souza; Moraes, Salete Campos de. (Orgs). *Contra o desperdício da experiência: a pedagogia do conflito revisitada.* Porto Alegre: Redes Editora, 2009. p. 15-40.

